

Capital mercantil e parentesco nas origens de um sistema agrário-exportador :
Minas Gerais : 1780-1870*

*Mônica Ribeiro de Oliveira¹

Abstract: Este artigo destina-se a investigar as origens do sistema agrário exportador desenvolvido na Zona da Mata mineira a partir de inversões de capitais de comerciantes do próprio interior mineiro, responsáveis pela rede de abastecimento do Centro-Sul, onde mercado interno teria possibilitado a realização de acumulações endógenas capazes de serem transferidas para o setor produtivo. Como pano de fundo deste processo constituiu-se uma elite agrária profundamente hierarquizada, com suas origens vinculadas às redes de abastecimento regional, proporcionando, desta forma, a conversão da acumulação mercantil em fazendas. As origens e a constituição da população cativa também serão analisadas, onde a presença reduzida de cativos envolvidos nas lides cafeeiras na primeira metade do século XIX, em comparação ao total da população escrava da província, estaria condicionada à própria dimensão ainda restrita dos cafezais e ao ritmo ainda pequeno da expansão, que só se implantaria definitivamente, na década de 1860.

Até a década de noventa deste século o sistema agroexportador cafeeiro desenvolvido na zona da Mata mineira, sub-região situada ao sudeste de Minas Gerais, era pouco estudado e, invariavelmente, visto a partir da expansão agrária fluminense. Neste artigo procuramos acompanhar o processo de expansão da cafeicultura na Mata através de sua articulação com a acumulação endógena da província mineira, proveniente de um dinâmico mercado interno. Analisamos a fixação de famílias nas fronteiras abertas da Mata com fortunas auferidas através das redes de circulação mercantil na Província, seja através das categorias de produtores/comerciantes;comerciantes/produtores;produtores/capitalistas; comerciantes/capitalistas ou quaisquer outras variações destas atividades, emaranhadas por uma série de laços de sangue, matrimônios e afiliação ritual.² A presença deste capital internalizado na Província mineira definiu as bases de formação da agricultura mineira, possibilitando a constituição de um modelo autônomo de transição para o café, distinto daqueles desenvolvidos no Vale do Paraíba Fluminense e Paulista, mas, contudo, mantendo a mesma lógica dos sistemas agroexportadores.

Portanto, a implantação da cafeicultura da zona da Mata mineira, longe de depender de um avanço da fronteira ocidental da cafeicultura fluminense e se tornar uma mera extensão do sistema agrário lá adotado, possuiu um ritmo próprio reflexo de amplo movimento interno à província mineira. Este movimento distingue-se do Rio de Janeiro pela inexistência dos agentes de grosso trato e de seus capitais nas origens dos primeiros investimentos, bem como, diferencia-se do modelo paulista, ao prescindir de uma atividade exportadora anterior capaz de promover uma acumulação de riquezas. O modelo mineiro de expansão cafeeira dependeu sim da aplicação de capital mercantil, mas, interno à província mineira, produzido endogenamente, processando-se uma verdadeira mutação das categorias de produtores de alimentos, comerciantes e capitalistas que passam a ser elevados à condição de grandes cafeicultores.

Com relação ao procedimento metodológico adotado, as listas nominativas para a Província de Minas não são regulares, não permitindo, portanto, um acompanhamento a longo

¹ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense

² LEWIN, Linda. Política e parentela na Paraíba. Rio de Janeiro: Record, 1989,p.114

prazo, dos fatores econômicos.³ O único meio que dispomos de aproximação com a primeira metade do oitocentos são, além de algumas listas nominativas para a década de 1830, os inventários post-mortem. Levantamos e coletamos a totalidade dos inventários disponíveis nos Arquivos Históricos do antigo Município do Paraíba, que englobava além de sua sede Santo Antonio do Paraíba, as freguesias de Simão Pereira, Engenho do Mato, além de outras menores, e parte da documentação do Município de Rio Preto e Mar de Espanha, que podem ser considerados os principais locais onde originou-se a produção agroexportadora de café, portanto, uma produção fora dos moldes da produção de alimentos mercantilizada.

Passemos agora à caracterização das unidades produtivas dos três municípios eleitos para a pesquisa, buscando acompanhar a marcha do café e as transformações econômicas processadas. Entre 1809 e 1830 encontramos apenas uma unidade produtiva vinculando-se à produção de café. Percebe-se que as unidades possuíam o mesmo perfil das unidades da sub-região das Vertentes, ou seja, voltadas para a produção de alimentos e com clara vocação pecuarista. A presença de unidades com mais de 5 escravos, sugere que a sua produção saía dos limites do auto abastecimento, da mesma forma que, a presença de tropas indica a comercialização de excedentes em mercados mais distantes. Encontramos nos inventários menções a cafezais "velhos" ou "antigos", ou seja, de aproximadamente 25 anos de existência, entre as décadas de 1840 e 1850. Este dado revela que as primeiras propriedades voltadas para o café teriam surgido realmente por volta das duas primeiras décadas do século XIX, mas ainda em número bastante reduzido.

Os documentos investigados para os municípios pioneiros na produção de café sugerem que a cultura nas primeiras décadas do século XIX não estava disseminada, o que corrobora as informações contidas nos relatos de viajantes ao trafegarem pela região, observando principalmente a presença de roças e a criação de animais.

Apenas a partir da terceira década do oitocentos é que encontramos referências claras a propriedades se dedicando à produção de café, mas ainda em pequena escala. Os dados encontrados nos inventários sugerem que esta cultura ainda aparece como subsidiária, perceptível pelo número ainda reduzido de pés plantados e complementar ao plantio dos outros produtos que possuíam um mercado regular com centros consumidores.

A aceleração da produção de café na última década entre 1841 e 1850, certamente recebeu influência do impacto que a cultura estava produzindo sobre as áreas vizinhas do Vale do Paraíba fluminense. Nesta Província, o processo de expansão já havia se iniciado nas duas primeiras décadas do século XIX, alcançava cada vez mais mercados internacionais mais amplos e melhores preços, com uma rentabilidade garantida. O café afigurava-se como a grande oportunidade de investimento e ascensão ao status de grande proprietário de terras e escravos.

As considerações acima coincidem, em linhas gerais, com as primeiras referências estatísticas relativas à produção de café. Eschwege cita a reduzida produção de 9.739 arrobas de café em 1818/19, com 95% proveniente da Zona da Mata mineira, num valor de 29:210\$000. No período de 1829/30, Minas já exportava 81.400 arrobas, no valor de 148:500\$000, representando um aumento na ordem de 735% comparado ao decênio anterior. Dez anos mais tarde, a safra de 1839/40 registra 243.473 arrobas, correspondendo a um aumento de 300% e para o decênio seguinte 1850/51 a produção mais que triplica na ordem de 900.597 arrobas, com a Zona da Mata responsável por mais de 99% da exportação total mineira⁴.

Por mais que a produção tenha se acelerado com o decorrer das décadas na Mata mineira, no início da segunda metade do século XIX, ela ainda era incipiente se comparada ao avanço das lavouras do Vale do Paraíba Fluminense. S. Stein cita que entre 1851/52 a produção em arrobas de toda a província fluminense chegava a 7.535.844, ou seja, aproximadamente 77% da

³ Sobre a utilização de listas nominativas em Minas Gerais consultar : LIBBY, Douglas. Transformação e trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1988

⁴ GIROLLETTI, Domingos. Industrialização de Juiz de Fora. Juiz de Fora, EDUFJF, 1981, pp28-30

produção nacional . Neste mesmo período a produção mineira correspondia a menos de 12% da produção fluminense.⁵

O quadro abaixo elaborado por Roberto Martins a partir de vários dados agregados, apresenta a participação das províncias na produção total de café no Brasil na segunda metade do século XIX :

Brasil : Crescimento das Principais áreas cafeeiras, 1852-1888
(Exportações médias anuais em toneladas - percentuais)

Período	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo (Vale do Paraíba)	São Paulo (Oeste)
	Índice	Índice	Índice	Índice
1852-55	6,58	75,33	12,06	6,01
1856-60	7,91	72,84	10,5	8,73
1861-65	12,12	62,48	10,8	14,5
1866-70	16,02	60,2	9,2	14,4
1871-75	17,22	56,59	9,12	17,1
1876-80	19,07	48,3	8,44	24,17
1881-85	20,11	40,17	7,13	32,56
1886-88	26,17	31,29	4,91	37,61

Fonte : MARTINS, Roberto B. A economia escravista em Minas gerais do século XIX . p. 16

Os dados acima confirmam nossas considerações a respeito da expansão mais tardia da cafeicultura na Mata, perceptível pela sua pequena produção nos meados do século XIX, mas com claro comportamento ascendente, se comparada à dimensão que a produção cafeeira já alcançava na província fluminense. O trabalho de Anderson Pires ao analisar a dinâmica agroexportadora regional até as primeiras décadas do século XX, confirma a tendência demonstrada pelo quadro acima, ao avaliar o intenso crescimento da cafeicultura na Mata em contraposição ao rápido esgotamento da produção do Vale do Paraíba. Para o autor, a dessemelhança do período de implantação da cafeicultura nas províncias fluminense e mineira, teria condicionado a crise posterior do sistema desta última, onde a precocidade do Vale, teria condicionado o fechamento mais rápido da fronteira, enquanto que a "tardia" montagem do sistema agrário na Mata teria possibilitado a expansão da cafeicultura representada pela disponibilidade de matas virgens até as primeiras décadas do século XX⁶.

Os dados que dispomos infelizmente não nos permitem acompanhar o processo concomitante de acumulação cativa no decorrer das décadas em foco. Mas observamos que enquanto na primeira década encontramos apenas uma unidade com mais de 20 cativos, para a segunda e terceira décadas encontramos, respectivamente, 2 e 8 propriedades. Já na última década, ou seja, entre 1841 e 1850 encontramos 24 unidades, com mais de 20 cativos para o conjunto de 71 propriedades encontradas, com uma média elevada de 63 escravos por unidade.

Somente na última década desta primeira metade do século XIX é que ocorre uma maior difusão da cultura do café. Dentre as unidades encontradas, em 50 % aparecem dados relativos ao café. Deste total, 18 unidades, ou seja, 37,72% produzem exclusivamente café e 10 delas ,18,8% , produzem café, sem contudo, abandonarem a produção de outros alimentos como arroz, feijão, cana e criação de animais, que pelo sua extensão e número superam os limites da

⁵ STEIN, S. Vassouras. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p. 81

⁶ PIRES, Anderson. Capital Agrário, investimento e crise da cafeicultura de Juiz de Fora. Dissertação de mestrado, UFF, 1993.

produção para subsistência interna da unidade. Neste período constatamos que a presença de roças de alimentos e criação de animais não aparece como atividade isolada, ou seja, não encontramos empresas especializadas na produção mercantilizada de alimentos, ou seja, toda a citação da presença de roças e criação de animais vem acompanhada da produção de café.

As unidades produtivas eram diversificadas internamente, observada pela presença de roças de alimentos destinada ao consumo da unidade doméstica e possível revenda de excedentes nos mercados locais. Mesmo quando a presença de roças e alimentos colhidos não é citada no momento do inventário, as referências a benfeitorias, tais como moinho, paiol, monjolo, dentre outras, demonstram o perfil das unidades agrícolas, sempre dispostas a prover a maior parte das necessidades de subsistência familiar, bem como de alimentação dos escravos. Em relação ao vulto das empresas, as dimensões das roças de arroz, feijão e milho apresentam-se bastante reduzidas sugerindo que a eventual comercialização dos excedentes não chegava a romper os restritos limites dos municípios da zona da Mata sul, ao mesmo tempo que, a comercialização destes produtos era restrita, destinada aos mercados locais, pois devido ao seu valor monetário extremamente baixo, não compensavam os altos custos de transporte até mercados mais distantes. Apenas a presença da cana-de-açúcar em cinco maiores empresas, sugere a relação com mercados mais distantes e a exportação e daí maiores possibilidades de acumulação.

Em consonância com a vocação mais pecuarista encontrada nas unidades produtivas do Termo de Barbacena, na sub-região das Vertentes-Mantiqueira, vizinha à Mata, os municípios pesquisados para esta última vão apresentar também maior especialização na criação de gado. Observa-se maior presença de porcos, mas em número incomparavelmente menor aos rebanhos suínos encontrados no Termo de Barbacena e menores ainda se comparados ao Termo de São João Del Rei. Guardadas as devidas proporções, o número de cabeças de suínos e bovinos ainda apresenta-se bastante elevado se comparado às necessidades de consumo interno das unidades, o que sugere a vinculação com mercados mais distantes através da comercialização de toucinho, queijo e manteiga.

Observa-se, igualmente, a presença de tropas em algumas unidades produtivas, principalmente naquelas com produção de café. Entre as 20 unidades produtivas com produção da rubiácea levantadas nos municípios em estudo, 14 delas apresentam tropas de bestas e mulas. Este dado sugere que as empresas buscavam controlar o envio do produto ao Rio de Janeiro, recusando os atravessadores e angariando com isto maiores possibilidades de acumulação. Devido à ausência de boas vias de comunicação e a longa distância entre os municípios da Mata e o centro efetivo de comércio do café na praça do Rio de Janeiro, cabia aos proprietários a internalização do custo de transporte através da manutenção regular de tropas de bestas, bem como, escravos tropeiros, o que, sem sombra de dúvida, aumentavam os custos da montagem das unidades.

A estrutura fundiária das unidades produtivas instaladas nos municípios em estudo apresenta as mesmas características de outros sistemas agrários brasileiros. Nota-se a presença de terras de pastos, terras de cultura, capoeiras e terras virgens, refletindo a forma de utilização do solo, com a constante incorporação de matas virgens para a manutenção dos níveis de reprodução do sistema. Nota-se a ausência de classificação de valor entre terras de matas virgens e capoeiras, o que pode ser tomado como mais um indicativo que o sistema agrário cafeicultor está nos seus primórdios.

Consideramos que, se a produção de café aparece como subsidiária à outras culturas nos seus primórdios, o vulto que ela alcançará estará condicionado à capacidade de investimento de algumas empresas, auferida não pela produção mercantil local de alimentos que se apresenta pouco dinâmica, mas por capitais oriundos de outras sub-regiões mineiras, tradicionalmente e especificamente voltadas ao mercado interno. Referimo-nos a capitais e proprietários oriundos dos Termos de São João Del Rei e Barbacena, vinculados remotamente à mineração e com recentes vínculos com a praça do Rio de Janeiro. A pesquisa demonstrou a grande participação de elementos pertencentes a estes dois Termos entre as maiores fortunas que fundaram o núcleo agrário-exportador da Mata.

Questionamos se a cultura mercantil de alimentos e a criação de gado teriam sido capazes de promover uma acumulação interna que permitisse as altas aplicações em café. As investigações até aqui realizadas não confirmam tal hipótese. O café, mesmo com o caráter de atividade acessível à todas as empresas agrícolas, inclusive as pequenas, somente teve condições de se ampliar naquelas unidades que conseguiram promover as maiores inversões em terras e cativos, pela própria exigência do sistema extensivo de produção que, para manter-se, necessita da incorporação crescente de mão-de-obra. As dificuldades de transporte até o Rio de Janeiro aumentavam os custos da produção, sendo o proprietário obrigado a manter tropas de bestas, que possuíam um alto valor se comparado aos outros rebanhos. A restrita dimensão da economia mercantil de alimentos e animais praticada nas unidades produtivas em estudo, anterior ao café, não possibilitou a geração de excedentes a serem transferidos para o café. Portanto, somente uma acumulação anterior, promovida fora dos limites da recente fronteira agrícola da Mata, seria capaz de promover um salto qualitativo para a grande produção cafeeira. Referimo-nos à acumulação promovida através das atividades de produção e comercialização de alimentos e pecuária, própria das unidades pertencentes à Comarca do Rio das Mortes.

O quadro abaixo corrobora as considerações feitas acima :

Unidades com produção de café e Unidades sem café nas
Unidades Produtivas dos Municípios de Paraibuna, Rio Preto e Mar de Espanha
1809-1850 (por unidade)

Posse de escravos	Número de Unidades Produtivas				Total de escravos				Média de escravos por unidade	
	Com café	%	Sem café	%	Com café	%	Sem café	%	Com café	Sem café
0 a 5	1	2,5	17	34	3	0,18	62	10,2	3	3,6
6 a 10	5	12,8	11	22	43	2,6	93	15,4	8,6	8,4
11 a 20	13	33,3	14	28	218	13,2	193	32	16,7	13,7
+ 21	20	51,2	8	16	1385	84	254	42,19	69,25	31,7
Total	39	100	50	100	1649	100	602	100	42,28	12

Fonte : Inventários Post-mortem .

Observamos que 51,2% das unidades produtivas que produzem café possuem mais de 21 cativos, que nos permite supor que as propriedades já surgem no padrão de média ou grande empresa. A média de escravos por unidade produtiva com café é mais que o triplo do que as de alimentos. Dentre as unidades produtivas sem café, ou seja, voltadas exclusivamente para a produção de alimentos e pecuária, percebe-se uma proporção um pouco mais equilibrada entre aquelas que tem de 11 a 20 escravos e aquelas de mais de 21 cativos. Da mesma forma , em comparação com as propriedades cafeeiras, não se observa tantos contrastes no total da escravaria utilizada, onde os proprietários de 11 a 20 cativos detém cerca de 32% e os de mais de 21 cativos, 42,19 % do total.

A média de pés de café plantado de 38.000 pés por unidade , é bastante pequena ainda, quando consideramos que a média para grandes propriedades é de 100.000 pés de café⁷. Já o preço médio da arroba orçada nos inventários levantados é de 1\$540 réis para a última década em estudo. Mesmo considerando que este é o valor orçado no inventário e não o preço direto para a exportação, esta média está bem abaixo da que Stanley Stein cita para o café exportado na região

⁷ FRAGOSO, João. Sistemas agrários em Paraíba do Sul- 1850-1920. Dissertação de mestrado, UFF, 1983 p. 63

do Rio de Janeiro, onde o preço da arroba na mesma década oscilaria entre 3\$519 réis a 3\$866.⁸ Esta perceptível diferença de preços está condicionada a um conjunto de fatores. Em que pese o fato de que a média citada para a pioneira produção de café na Mata mineira ter sido baseada em inventários, temos que considerar o limite da fonte para este tipo de análise. Para elaboração do preço de todo bem citado, este poderia ser superavaliado ou, ao contrário, subavaliado em função dos interesses das partes envolvidas. Ao mesmo tempo que na elaboração do preço entram, nos critérios, o tipo de café colhido, bem como o seu estágio de beneficiamento, se em coco, descascado ou seco. Certamente, o preço de uma arroba em quaisquer destas condições na porteira da fazenda em Minas Gerais, longe dos portos e ainda tendo que transpor os limites geográficos até o porto do Rio de Janeiro, frente aos difíceis obstáculos da má condição da estrada de acesso e ainda em lombo de mulas, será bem menor do que aquele exportado pelas unidades cafeeiras do Rio de Janeiro, mais próximas da saída para os mercados internacionais e favorecidas por um processo de expansão mais antigo, onde as condições tanto de transporte como de beneficiamento do café, deveriam estar bem melhores.

Estes dados, mais uma vez, comprovam a importância que a lavoura do café assume na Mata mineira. O número de escravos concentrados nas empresas cafeeiras, sugere a dinâmica alcançada ainda nos primórdios de sua expansão. Diferentemente do que se supunha, a grande presença de cativos encontrada nesta sub-região, na primeira metade do século XIX, estava engajada, prioritariamente, nas grandes e médias propriedades cafeeiras e não na economia de subsistência mercantil.

Não temos condições de perceber se processou-se concomitantemente um processo de ampliação de propriedades sem cativos, o que seria possível, tendo em vista as amplas possibilidades de acesso à terra nesta primeira metade do século XIX, quando ainda não existiam meios legais que proibissem o acesso à terra àqueles de poucos recursos. Se dispuséssemos de listas nominativas para vários anos, poderíamos compor um cenário mais diversificado do sistema agrário em estudo, o que torna esta tarefa mais difícil, tendo em vista o reduzido número destas listas para este período e região.

A mão-de-obra escrava

Roberto Martins e Amílcar Martins Filho argumentam que Minas teria sido a principal província importadora de cativos na primeira metade do século XIX. De aproximadamente 169.000 cativos em 1819, apresentaria, em 1873, 382.000. Este comportamento dinâmico do sistema escravista mineiro seria explicado pela presença de uma economia "vicinal", ou seja, de uma economia voltada para o auto-abastecimento.⁹

Os estudos, até hoje realizados, indicam o contrário da proposição por eles defendida. A existência de um dinâmico mercado interno, altamente articulado com o Rio de Janeiro, teria mantido o fôlego das remessas de escravos, comprovada pelos Martins. R. Slenes foi quem, primeiramente, questionou as bases da argumentação dos Martins, e em relação, especificamente, ao café, o autor destaca:

*" Na verdade o impacto do café sobre a economia de Minas teria sido consideravelmente maior do que o sugerido por estas percentagens, já que a demanda combinada das áreas cafeeiras do Rio, São Paulo e da Zona da Mata, incluindo seus centros urbanos, deve ter exercido um efeito na estrutura de emprego da população escrava em outras regiões da província ."*¹⁰

⁸ STEIN, S. op. cit. p. 81

⁹ MARTINS, Roberto B. A economia escravista em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1980.

¹⁰ SLENES, R. O Múltiplo de porcos e diamantes. Estudos Econômicos Vol 18, no. 3 set/dez 1988- p. 458

Os dados por nós levantados em 100 inventários, englobando a totalidade dos inventários de Santo Antônio do Paraibuna e amostragens dos municípios de Rio Preto e Mar de Espanha, chegam a um total de 1.794, ou seja, aproximadamente 20% da população cativa assinalada acima. No quadro abaixo relacionamos o número de cativos por sexo e a razão de masculinidade encontrada :

Quadro
Razão de Masculinidade da População Cativa dos Municípios de
Santo Antônio do Paraibuna ,Mar de Espanha e Rio Preto - 1809-1850

Total da População Escrava Levantada		Homens > de 10 anos		Mulheres > de 10 anos		Crianças		Razão de Masculinidade e > de 10 anos
1.794	100%	954	53,17%	416	23,18%	424	23,63%	229,32

Fonte : Inventários Post-mortem ...

A grande presença de cativos do sexo masculino e a menor presença de mulheres (menos da metade dos homens) pode ser tomado como um indicativo da maior capacidade de importação de cativos . A alta razão de masculinidade apresentada sugere um grande engajamento no tráfico de cativos, através da manutenção da compra regular de escravos, que tendia sempre a privilegiar os do sexo masculino, numa tentativa de maximização dos investimentos

Se comparamos a razão de masculinidade do sistema agrário de produção mercantilizada de alimentos do município de Barbacena, com o índice encontrado para os municípios pioneiros do café na Mata, veremos que este é muito superior, ou seja, 229,32 para 170,68 no mesmo período. Este dado confirma as análises acima sobre a capacidade de compra de escravos homens em idade produtiva, o que reflete uma maior dinâmica do sistema agrário, perceptível pelo grande dispêndio financeiro quando era realizada a reposição de mão-de-obra.

Estas considerações revelam que o perfil que o sistema agrário exportador assumiu na Mata não difere daquele encontrado no Vale do Paraíba Fluminense. João Fragoso encontrou para Paraíba do Sul, índices próximos aos encontrados nesta pesquisa. Através do censo de 1840, o autor comprovou que a razão de masculinidade da população cativa era de 232,08, indicando mais uma vez a preferência pela compra de escravos homens em idade produtiva, como um dos elementos básicos na conformação da demografia local.¹¹

O quadro abaixo ajudará a refletir sobre esta questão :

Quadro
Origem da População Cativa presente nos inventários dos Municípios de
Santo Antônio do Paraibuna ,Mar de Espanha e Rio Preto entre 1809-1850

Período	Total de cativos 1697*	Crioulos		Africanos		Razão de Africanidade
		Total	%	Total	%	
1809-1820	74	47	34,78	27	36,48	57,44
1821-1830	51	29	56,86	22	43,13	75,86
1831-1840	446	231	51,79	215	48,2	93,07
1841-1850	1126	519	46	607	53,9	116,95

Fonte : Inventários Post-mortem ..

¹¹ FRAGOSO, J. Op. cit. p. 44

* Em relação ao total de cativos levantados no quadro anterior só possuímos dados completos para este número

O quadro, ao evidenciar o origem da composição da população escrava nos municípios em estudo por décadas, confirma mais uma vez o comportamento que estamos delineando para o processo de expansão da cafeicultura na Mata. A porcentagem de crioulos e africanos sobe na segunda década em foco, como parte do processo de expansão que começa a dar os seus primeiros passos. Mas, a tendência no decorrer das décadas em estudo é o decréscimo do número de crioulos e o crescimento do número de africanos. A razão de africanidade aponta para a presença cada vez maior do número de africanos na composição da força de trabalho nas lavouras. Este dado é altamente revelador do vigor que a lavoura cafeeira alcança, com investimentos cada vez maiores na obtenção de escravos africanos, o que significa maior número de adultos do sexo masculino.

A presença de africanos é um pouco superior a de crioulos na última década em estudo. Em que pese o fato de haver maior dependência em relação ao tráfico negreiro, representado por 53,9% de africanos entre os plantéis, a significativa presença de crioulos 51,79% levanta questionamentos sobre a possibilidade ou não de reprodução natural ou , a existência real de uma oferta interna e regular de cativos na província mineira.

O dados abaixo demonstram o crescimento paralelo das taxas de masculinidade com as taxas de africanidade, confirmando nossas considerações:

Quadro
Razão de masculinidade e africanidade entre 1809-1850

Períodos	Razão de Masculinidade	Razão de Africanidade
1809-1820	196	57,44
1821-1830	131,8	75,86
1831-1840	189,61	93,07
1841-1850	199,46	116,95

Fonte : Inventários Post-mortem

O aumento progressivo das taxas de masculinidade, indica que a preferência pela importação de homens foi crescente e resultante do rápido processo de expansão da lavoura .Esta elevação é acompanhada pelo índice de africanidade que tende a crescer no decorrer das décadas, como reflexo da maior importação de cativos e do vigor que a cafeicultura vem assumindo, realizando cada vez mais, maiores investimentos em mão-de-obra.

Parte da historiografia tende a evidenciar o papel de Minas como fornecedora de mão-de-obra para outras regiões após a crise da mineração, especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. Para Roberto Martins, teria ocorrido o contrário. Mais de um milhão e meio de escravos foram trazidos para o Brasil entre 1801 e 1850 e Minas pode ser considerada a maior província importadora de escravos. Para o autor

" Em particular, as fazendas de café do Vale do Paraíba, fossem elas no Rio, em São Paulo, ou na Zona da Mata mineira, não estavam sendo equipadas com escravos da antiga zona de mineração."¹²

Sem entrar no mérito da questão (ou à que ele atrela este destino dos escravos), esta constatação remete ao sistema agrário exportador em implantação na Mata mineira. A grande presença de africanos sugere que este núcleo agrário teria dependido do tráfico atlântico de escravos

¹² MARTINS, R. Op. cit. p. 24

para reposição de sua força de trabalho, mais do que os vizinhos das Vertentes, por exemplo. Mas, em que pese esta constatação, ela não é suficiente para explicitar a formação e a composição dos plantéis de cativos, que estavam, certamente, condicionadas a outros fatores, tais como, tráfico intraprovincial (das antigas regiões mineradoras), interprovincial (das províncias do nordeste) ou mesmo via reprodução natural.

Com relação ao tráfico intra e interprovincial, o mais adequado seria a análise do comportamento do mercado escravo, através das escrituras de compra e venda , cruzados aos registros de entradas e saídas de mercadorias e cativos na província, que permitiriam a percepção da proporção entre uma possível realocação interna de cativos na própria província mineira, ou entre províncias brasileiras, ou mesmo uma relação direta com o tráfico atlântico de escravos, na composição destes plantéis.

Este procedimento está fora dos objetivos de nossa pesquisa, mas, no que se refere, especificamente, à reprodução natural, analisamos as taxas de fecundidade e razão de dependência. A razão de dependência encontrada de 0,80 aproxima-se dos índices encontrados para outros núcleos agroexportadores, como na Bahia de 0,69 em 1788 e no Rio de Janeiro de 0,84 entre 1790-1830¹³. O mesmo não pode ser dito se compararmos com o índice encontrado nas Vertentes, de 1,17 para o mesmo período. Estes dados sugerem uma baixa expectativa de vida para os adultos e altas taxas de mortalidade infantil.

Já a taxa geral de fecundidade que mede a capacidade reprodutiva das mulheres confirma estas considerações. O índice de 0,22 encontrado pode ser considerado bem baixo, nos sugerindo uma maior dependência do tráfico e constante reposição de mão-de-obra para manutenção da estabilidade dos plantéis. No geral, estes dados sugerem que o crescimento natural não pode ser considerado um fator responsável pelo crescimento dos plantéis, bem como, revelam que as condições de sobrevivência desta população eram péssimas, reflexos da maior exploração do braço cativo, característico de sistemas agroexportadores.

O trânsito das elites :

A pesquisa demonstrou que nas primeiras duas décadas do século XIX não se percebe nenhuma produção de café naqueles municípios que seriam posteriormente reconhecidos como pioneiros na produção da rubiácea, o que confirma que o processo de ocupação iniciou-se atrelado à agricultura e pecuária mercantilizadas e só posteriormente a região descobre sua vocação agroexportadora. A concomitância de certos fatores já mencionados, tais como a precoce expansão cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense, os altos preços adquiridos pelo café no mercado internacional, associados à ampla disponibilidade de terras e acesso à mão-de-obra, permitiria que diversos integrantes da elite agrária e mercantil mineira efetivamente se instalassem na Mata, aproveitando todas estas pré-condições ,dando origem às primeiras lavouras de café. Este movimento se revelaria como um segundo momento no processo de ocupação da região perceptível pela obtenção de terras por meio de compra e pela sua valorização alcançada a partir das décadas de 1820 e 1830 .A incipiente lavoura de alimentos e a restrita criação de animais não teriam proporcionado um amplo processo de acumulação cativa que permitisse a expansão da lavoura cafeeira. Portanto, a fundação do núcleo agrário-exportador deveu-se à fixação de famílias na Mata com fortunas consolidadas em outras sub-regiões mineiras e atividades.

Quando nos referimos ao trânsito de elites dentro do espaço regional mineiro, fazemos menção, especificamente, à migração dentro da Comarca do Rio das Mortes de elementos provenientes de dois de seus principais termos : São João Del Rei e Barbacena.

O Termo de São João Del Rei , tradicionalmente vinculado à extração aurífera, tornou-se a principal área abastecedora de alimentos para o Rio de Janeiro, desde o final do século XVIII, bem como, tornou-se a principal praça mercantil no caminho entre as minas e o Rio de Janeiro, concentrando a comercialização de diversas mercadorias e tornando-se o palco privilegiado

¹³ SCHWARTZ, Stuart. Segredos internos. São Paulo : Companhia das Letras,1988, p.295 ; FLORENTINO, Manolo. Em costas negras. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 31.

de atuação de diversos agentes mercantis, sejam eles, mascates, tropeiros, vendeiros ou grandes comerciantes de grosso trato.¹⁴ Este importante papel de atacadista intermediário entre a Comarca do Rio das Mortes e Rio de Janeiro promoveu ampla apropriação de capitais e o enobrecimento de muitas famílias através da apropriação do capital mercantil.

A pesquisa revelou que 65% das fortunas estabelecidas na Mata mineira tem origem na própria Comarca do Rio das Mortes, seis do Termo de Barbacena e sete do Termo de São João Del rei. Esta porcentagem tornar-se-ia mais alta se incluíssemos as famílias, originárias de outras províncias e regiões, mas que de alguma forma ou de outra estiveram envolvidas com as redes mercantis que articulavam os dois Termos.

A trajetória percorrida por grande parte destas fortunas partiu da propriedade de vastas terras, envolvidas com a produção de gêneros e principalmente criação de animais para a praça carioca, com o controle autônomo do transporte e comercialização dos produtos. Este esquema próprio de comercialização propiciou enormes fontes de acumulação de capitais, pois além de controlarem a negociação dos próprios produtos, muitos vão atuar como intermediários de outras empresas menores, ao mesmo tempo que vão oferecer oportunidades de crédito. A distribuição de pequenos financiamentos, por sua vez, possibilitará uma outra enorme fonte de acumulação, perceptível na composição das maiores riquezas da região. Serão estes elementos aqueles que se fixarão nas fronteiras da Mata mineira, profundamente articulados com as redes mercantis da província em direção ao Rio de Janeiro, que se dedicarão à montagem de grandes empresas cafeeiras na primeira metade do século XIX.

Ao se fixarem nos municípios que se tornariam os pioneiros do café, continuaram mantendo suas linhas de crédito com o interior e seus contatos com a praça carioca, conseguindo manter, desta forma, as primeiras inversões em cativos gerando a formação de grandes plantéis e uma posição proeminente nos negócios, até o surgimento dos primeiros lucros com a nova lavoura encetada.

As etapas de financiamento, produção, transporte e comercialização eram monopolizadas por ricas famílias, que ao utilizarem importantes estratégias matrimoniais, conseguiam auferir enormes lucros e ascender ao status de grandes proprietários cafeicultores. A migração destas famílias para as novas fronteiras abertas da Mata, diferentemente daquelas que se dirigiram anteriormente para a província fluminense, permaneciam profundamente identificadas com a história mineira e se perpetuavam no tempo e no espaço, onde as suas relações sociais passavam a ter um peso considerável na definição das estratégias econômicas. A reprodução social e a reprodução econômica passam a constituir uma verdadeira rede regional, composta por várias conexões matrimoniais, transformando a rede familiar numa rede de negócios bastante lucrativa.

¹⁴ CHAVES, C. Perfeitos negociantes: mercadores das Minas Setecentistas. Dissertação de mestrado, UFMG, 1995. GRAÇA FILHO, Afonso A A princesa do Oeste: Elite mercantil e economia de subsistência em São João Del Rei. Tese de Doutorado, UFRJ, 1998, p. 121